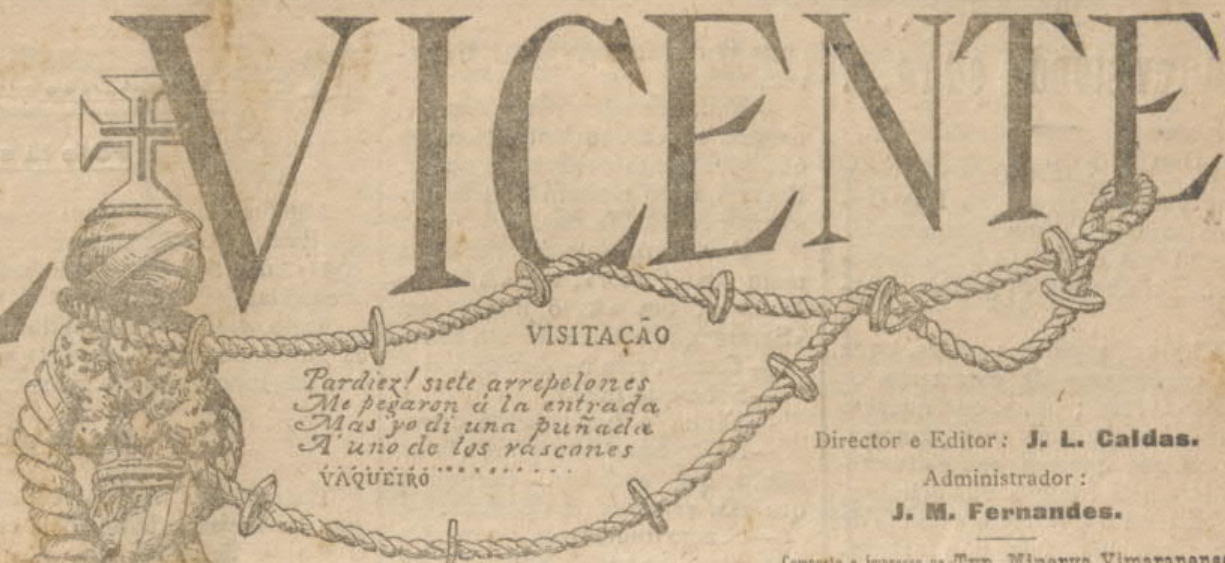




Semanario Monarchico e Regionalista
(Litterario e Noticioso)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente"
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PARES, 99 E 100



VISITAÇÃO

*Pardiez! siete arrepeiones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascosnes
VAQUEIRO*

Director e Editor: J. L. Caldas.

Administrador:

J. M. Fernandes.

Composto e impresso na Typ. Minerva Vitmaranense

AOS MONARCHICOS DO CIRCULO DE GUIMARÃES

Meos Amigos:—Tenho estado á espera de um momento que eu julgasse opportuno para lhes dirigir esta carta que lhes devo desde 19 de janeiro do anno findo. O momento chegou. A publicação do *Livro Branco*, revelando, apesar de todas as deficiencias, e de todas as mal-disfarçadas habilidades, até onde pôde chegar o monstruoso crime dos que nos levaram aos campos da batalha, na Europa,—veio sacudir-me o animo, agitar-me os nervos, e ressuscitar a minha combatividade. E' este o momento proprio para eu, antes de mais nada, me dirigir a todos os que, em 1918, me elegeram deputado.

Não foi ruídoza a minha acção como representante da Nação, eleito por Guimaraens. A minha qualidade de deputado opposicionista, no campo das ideas, mas de cooperador no campo das realizações, embaraçou-me singularmente. Por outro lado, o pouquissimo tempo que as Cortes estiveram reunidas, não me permitto a apresentação de certos projectos com que eu pensava contribuir para o bem da Nação, fornecendo-lhe medidas legislativas que só servissem os seus interesses. Dos projectos de natureza financeira que eu tinha organizado e de que dei conhecimento, até certo ponto, a alguns membros da comissão de finanças, como por exemplo o sr. Xavier Esteves, nenhum pude apresentar, pela excessiva escassez do tempo. Cheguei a mandar para a meza um projecto de lei extinguindo a lei do Divorcio que eu considero um dos males mais perigosos que o regime republicano, que foi fertil nelles, instituiu—mas nada mais pude fazer, porque em 19 de janeiro se deram os acontecimentos do Porto. Tentei fazer vingar, por duas vezes, a doutrina de uma maior intensificação e continuidade dos trabalhos parlamentares, e, como consequencia disso, a revisão, sem demora, das disposições constitucionais contrarias á situação que a Revolução de Dezembro creou. Baldado trabalho. Os interesses mesquinamente partidarios da maioria republicana galgaram tudo, impuzeram a sua vontade—e o resultado vio-se. Em debates propriamente politicos, não entrei. As paixões politicas não me comovem, nem me sensibilizam. E apesar de novo, já tenho, meos

Amigos, um largo saber de experiencias feito, para não desconhecer que as paixões politicas são, para as pessoas sinceras como eu, simples motivos de desconsolados desenganos e irremediáveis dissabores.

Os acontecimentos de janeiro colheram-me de surpresa. Já sobre elles emitti o meo parecer, e creio que v. ex.^{as} o conhecem já, se leram o meu opusculo *A Revolução monarchica*. Não vale a pena repetir o que já está dito.

Passaram os mezes sobre os mezes. Os monarchicos esconderam-se atraz de um silencio que mais pareceo abdicção—e deixaram a politica nacional em perfeito abandono, entregue inteiramente á delapidação e aos appetites dos bandos republicanos. Ingenuamente suppondo que essa attitud silenciaza e queda despertaria nos seus adversarios quaesquer sentimentos de humanidade e deferencia para com os vencidos, os monarchicos quasi que facilmente se solidarisaram com a demencia republicana que pôz o Paiz no lindo estado em que todos o sabemos. Por mim, algumas vezes, durante estes longos tempos, tentei quebrar a mudez geral. Mas logo me observavam que eu poderia prejudicar a situação dos vencidos; e a grande amizade que a esses me liga, e a alta consideração que a todos me prendem, impunham-me, de novo, a quietude. Já os mais optimistas estão, a esta hora, convencidos da crueza das realidades. O primeiro vencido já vai a caminho do degredo. Deus queira que en me engane, quando penso que outros o seguirão...

E o apparecimento do *Livro Branco*, em toda a monstruosa hediondez do seu atrevimento, chumbando aos pés de certos politicos dirigentes do regime republicano, as grilhetas infamantes, ou de uma leviandade sem nome, ou de uma subserviencia sem limites, ou de uma falta de patriotismo sem equal,—veio sacudir-me os nervos, e dizer-me: "Basta de silencio!". Offerecem-se-me as columnas deste jornal. Jornal da minha terra, da minha sempre querida e amada terra, nas suas columnas volto de novo ao combate, ao galhardo e leal combate que é preciso combater nesta hora. Mas antes de iniciar a serie das afirmações necessarias na hora que passa, eu ti-

na que me dirigir áquelles que em 1918, numa estação eloquente, me levaram, como representante da Nação, á Camara dos Deputados.

Quero agradecer-lhes a maneira bella como acolheram o meo nome, e a prova de confiança que me deram num voto que foi quasi uma acclamação.

Quero dizer-lhes que, em minha consciencia, não fui indigno dessa confiança, e que muito honrado me senti em ser eleito pelo circulo de Guimaraens.

E quero dizer-lhes, agora, que é preciso erguer alto o Pensamento, e olhar, com decisão, a estrada que nos espera.

*

Meos Amigos:—O momento é de sacrificios e de acção. A Republica não vingou, não vinga, e não vingará. Ainda quando não lhe fosse contrario o instincto da nossa Raça; ainda que se lhe não oppuzesse a natureza do nosso temperamento; ainda que lhe não fosse hostil a delicadeza dos nossos sentimentos, ou a ingenuidade dos nossos costumes, ou a grandeza das nossas crenças, ou a simplicidade dos nossos habitos, ainda que ella não tivesse a manchar-lhe eternamente as mãos, o sangue innocente de dois Reis e de um Presidente da Republica, e o sangue não menos innocente d'aquelles que, no solo portuguez, morreram sob a furia impune dos assassinos categorizados em herois, e, nas terras de França, morreram em holocausto da teimoza vaidade e do criminoso egoismo de meia duzia de aventureiros; ainda que a Republica não tivesse tudo isso a envenenar-lhe as raizes—bastava-lhe o pesadelo asphixiante de um deficit de perto de 200 mil contos, de uma divida fluctuante interna de 538 mil contos, e de uma circulação fiduciaria de 370 mil contos!

Um regime que em pouco mais de cinco annos cria uma divida fluctuante interna de 450 mil contos, uma circulação fiduciaria de 287 mil contos, e uma divida ao Banco de Portugal de 272 mil contos—não pode vingar, não pode subsistir—e não vingará!

E não subsistirá!

Foi a guerra, bem sei. Mas a guerra, tal como foi, o regime republicano a quiz.

Entramos na guerra, como en-

tramos, não por nossa vontade, mas unicamente por imposição do regime republicano.

A Republica foi a ruina.

Fizemos tudo, para que a Inglaterra nos convidasse (?), tudol Fomos tapete, fomos cabide. Fomos capacho, fomos esfregão. Fomos lama. Tudo fomos—para que a Inglaterra nos convidasse (?). E não se levantam do solo os cadaveres dos nossos pobres camponios do Minho e das Beiras, de Traz-os-Montes e da Extremadura; e não se erguem, colericas e vingativas, as mães e as noivas, as viúvas e as irmãs e as filhas desses cadaveres inertes; e não se sacode a alma desta terra para pedir contas aos criminosos, do barbarismo nefando desses que nos arrastaram a terras estrangeiras—para ficarmos inteiramente e eternamente arruinados!!

Em cinco annos, sumiram-se oitocentos mil contos em dinheiro. E as vidas que se perderam?

E continuam gozando a vida Bernardino Machado, Affonso Costa, João Chagas, Augusto Soares, Norton de Mattos, Leotte do Rego, Antonio José de Almeida, as cabeças dirigentes e responsaveis pelo grande desastre, pela nossa ruina!

Não, meos Amigos, não! A Republica não vinga, não pode vingar, não ha-de vingar, porque nós não deixaremos que ella vingue—que assim nol-o supplicam as almas dos Sacrificados, e assim nol-o impõe a miseria da Nação.

Basta de apathias, de commodosmos faceis, de indifferenças morbidas. E' preciso reagir; é preciso actuar.

Como?

Pela organização. Pelo combate legal, ás claras, ousado. Conquistar palmo a palmo, dedo a dedo, o terreno. Não abdicar um apice, não esquecer um segundo, não perder um alento. Campos bem extremados, nitidamente definidos. Nem confusões, nem sophismas. Somos nós quem tem a força: abduque, transija quem é mais fraco.

Fallamos em nome da Nação, firmados em seculos de grandeza: elles fallam em nome de um partido, firmados em alguns annos de vergonhas.

Onde se sentem fortes, nunca vieram até nós. Onde se sentem em numero, sempre nos dispensaram.

Façamos o mesmo. O circulo de Guimaraens é essencialmente monarchico: tem a força, tem o numero. Pois bem: faça a sua organização politica, mantenha a sua attitudem firme, e decida-se ao combate legal, ás claras, ousado.

Que o circulo de Guimaraens seja a Vendeia da futura acção nacional. Que elle seja o nucleo de resistencia e o pharol da Esperança. Que elle seja o brado sempre prompto, e o braço sempre dextro. Berço da Monarchia, que elle, fiel á sua tradição, seja o soldado sempre fiel.

Faça a sua organização politica, e não abandone aos barbaros que escarraram nas suas tradições e nas suas crenças, não lhes abandone nem os seus municipios, nem as suas freguezias, nem as suas corporações.

Não morreremos. Mas se tivermos de morrer, ao menos morramos de vagar, e com os olhos bem fitos no Sol, como a figura lendaria daquelle nosso Rey maravilhoso e bello que sonhou, para todos nós, o maior Imperio, e por amor delle morreu, mordido do pó e queimado do Sol!...

*

Meos Amigos! Monarchicos de Guimaraens!

Entre, pela primeira vez, nas Camaras, levado pelas vossas mãos. As vossas figuras mais altas e mais prestigiosas, aquellas que nunca faltam com o seu conselho e com o seu esforço, deante de vós, na sala nobre dos Paços do Concelho, entre applausos, affirmaram o seu desejo de que eu fosse sempre vosso deputado. Com a auctoridade que me dá esse voto, e com a força que me dá esse desejo—venho dizer-vos que sou a hora de nos dispormos para uma rude lucta, ao fim da qual está certa e bella a victoria da Monarchia, ou seja a liberdade de Portugal.

Meos Amigos: Organização immediata e segura. Combate legal, ás claras, ousado. Conquistemos palmo a palmo, dedo a dedo, todo o terreno. Municipios, freguezias e corporações, nossas. E não é difficil: basta querer!

Para se salvar o Paiz, um sentimento só basta: a Fé. E uma só coisa se pede: querer.

Amigo do coração,

ALFREDO PIMENTA.

Entrevistando outro...

E' dum dissidente a conversa que vamos reproduzir. Engraçamos com esta nova especie de mamíferos e porisso a queremos tornar conhecida do grande publico.

E' uma especie variada, onde ha exemplares de caracteres os mais diversos; ha os que querem que a adaga seja um capacete, ha-os que querem que gado ovino sejam os frangos e as galinhas, ha-os enfim que teem a mania de ensinar aquilo que não sabem. Ha de tudo na especie como na farmacia. E nós que queremos muito bem á dissidencia, fomos mais uma vez até ao café e lá encontramos um outro que apenas nos viu, abriu muito a boca e disse: ainda por aqui?

—E' verdade, caro senhor. Qual o motivo porque o nosso encontro lhe causou tanta admiração?

—Olhe, eu lhe digo. Sente-se aqui. Os meus correligionarios dissidentes, não estimaram nada aquella entrevista que os senhores estamparam lá nas colunas do «Gil». Acharam aquilo um abuso de boa fé do palerma que tanto nos comprometeu. Permita-me que chame assim ao dissidente que não teve vergonha de dizer aquellas verdades, que todos sabemos que o sam, mas que não deviam ser ditas, porque nem todas as verdades se dizem. E como não gostaram, e á falta de argumentos para os fazerem calar, resolveram—dizem para aí—mandar quebrar as costelas aos redactores do «Gil Vicente». Esta a razão porque me admiro de o ver ainda com saude. Note bem, que eu não afirmo que eles resolvessem mandar-lhes bater, porque o não sei com certeza, mas corre para aí...

—Mas diga-me, V. Ex.^a qual o motivo porque eles nos querem assim mal? Nós defendemos os nossos ideais sem medo e sem receio absolutamente nenhum. Não trememos diante de nada. Só deante da Lei. Não ha dificuldades para nós. E sendo uns adversarios leaes, julgamo-nos no direito de exigir de inimigos politicos, mais correcção para conosco. Não é, creia V. Ex.^a, o medo que nos fará calar. Se o pensam, enganam-se. O processo de calar o inimigo com a ameaça, afigura-se-nos democratico de mais. E porisso não dará bons resultados. Por cada redactor espancado, responderá um dos seus. E isto porque nós resolvemos não pôr a vida no seguro. Porque lhes não diz V. Ex.^a que mobilisem para o órgão dos empregados menores, todo o pessoal jornalero para nos atacar de frente e com as armas de que nós usamos?

—Nada, não lhes digo nada. Os meus correligionarios são uns pobres diabos a quem ninguem entende. Todos dam ordens, e ninguem obedece. O meu grupo está condenado a desaparecer. Não o norteia nenhum ideal. Só o interesse baixo e mesquinho preoccupa os cerebros ôcos dessas criaturas, que ainda continuam sendo algum, porque nesta terra todos perderam a vergonha e a dignidade. De contrario eles já ha muito seriam—zero. Não lhes digo nada.

—Pelo que me diz, está afastado deles?

—Não estou, mas devia estar. —Diga-me uma coisa: o seu grupo é democratico?

—E'.

—Mas nós julgamos que teria abandonado esse partido, porque todos eles diziam não querer nada com radicais. E como o Dr. Alvaro de Castro se separou dos amigos do heroi de Rodam, daquelle que disse estar o País ha nove anos a saque á mão dos republicanos, nós julgamos, repito, que os seus amigos acompanharam

o revolucionario de Santarem.

—Não, não acompanharam. E mesmo os reconstituintes também não sam muito de molde a imitar. Basta que lá tenham aquele farmaceutico das Caldas.

—Pois sim, mas os senhores teem um «Pintor», um «Adeus o Menina», um «Ai ó linda», um «Saramago» e também um lili...

—Temos, não ha duvida.

—Sabe que mais?

—Tenha a bondade de dizer.

—Nos grupos do regime não ha muito que escolher. Porisso é que nós estamos na opposição.

—Fazem muito bem, e mostram que sam homens. Nos do meu lado é que não ha vergonha. Agatantam-se por causa de empregos publicos. Prejudicam até correligionarios, só para que uns falidos de inteligencia e vontade, possam também ganhar uns cobres, á falta de gente. E um outro facto me leva também a este aborrecimento que sinto por eles.

—Pode dizer-me qual é esse facto?

—Digo e com todo o prazer. Como sabe, ninguem de bom juizo e recto pensar gostou do procedimento de meia duzia de republicanos quando da conferencia do Dr. Cunha e Costa. Aquelles uivos a cheirar a vinho, aqueles insultos a senhoras, envergonharam-me a mim que também sou republicano. Eu vi no teatro tudo o que de melhor havia em Guimarães. Fôra vi a aristocracia do regime. Julguei que os meus correligionarios poriam cobro a tanta borracheira. Eles os marechais, estavam lá. Mas não se importaram. Parece até que gostaram. E tanto que no órgão anunciante do trabalho dum notario cá da terra, eles dam a entender que gostaram das ameaças.

—Ainda tinha duvidas a esse respeito?

—Sam todos eguaes. O que os monarchicos devem é dar-lhes os votos na occasião oportuna.

—Vergonha eles tenham.

—Sim, nós também cremos que os monarchicos daqui para o futuro ham de estremar bem os campos. Não mais haverá alianças tôrpes. Os monarchicos são uma força. Mostrem que a tem. Dissidentes para longe. São uns adventicios que vêm explorar a ingenuidade de muitos com as tais administrações serias e mais lerias. Ninguem se deve fiar nelles.

—E os melhoramentos?

—Ah! são projectos aos montões. Mas não passam daí, porque um diz que a adaga pode fazer de capacete; um outro diz que as galinhas são o tal gado ovino e porisso estão agarrados ao dicionario e não ha meio de os arrancar de lá para fora. São estes os dissidentes. Uns mamíferos como outros quaiquer.

—Adeus, meu caro senhor. O «Gil Vicente» guardará silencio.

Dr. Alfredo Pimenta

E' com a maior alegria que annunciamos aos nossos leitores que o distincto escriptor e nosso querido correligionario o sr. Dr. Alfredo Pimenta, collaborará d'oravante no nosso semanario.

Apreciado como é entre nós, e occupando um logar de merecido destaque na politica monarchica, os escriptos de Sua Ex.^a serão por certo altamente apreciados.

O «Gil Vicente» tem a subida honra de publicar já hoje na sua primeira pagina o notavel artigo «Aos monarchicos do circulo de Guimarães», que será profusamente distribuido em separata.

A Sua Ex.^a os nossos sinceros agradecimentos.

AS HEMORRHOIDAS desaparecem por completo com a ANTI-HEMORRHOIDINA.

REPAROS...

Pode lá ser!

Alguem nos pergunta o anno do lyceu em que andará aquelle conspicuo Sarcastro, de tetrica memoria.

Anno do liceu! Aquillo pode lá andar no liceu! Aquillo se tiver segundo grau é o maximo.

Dia de gloria

Todos n'este mundo vêm chegar, ou mais tarde ou mais cedo, o seu dia de gloria.

Coube agora a vez á «Alvorada».

Com a publicação do perfil de Sarcastro, a «Alvorada» subiu aos mais altos fastigios da immortalidade!

A «Alvorada» fará d'aqui em deante o assombro das gerações.

Porque a publicação do perfil alem de definir um individuo, define também e muito o semanario em que foi divulgado.

Um perfil

A «Alvorada» — gazeta jacobino dissidente — publicou, ha dias, um perfil dirigido a uma dama alli de cima do Cavalinho. Não sabemos quem é o seu auctor, mas deve ser o abalisado e douto professor (?) conhecido, entre nós, pelo «La ma mère» e outras calinadas. Com effeito, aquillo é um tal corrilho de disparates que, longe de agradar á madama a quem o perfil é dirigido, deve tê-la offendido altamente. A «Alvorada» — que já de si é pouco hygienica — deve abster-se de publicar baboseiras d'aquelle quilate.

Se fosse em Janeiro de 1919...

Ha dias houve uma tentativa de pugilato entre um nosso amigo e o comandante do 20. O caso não teve importancia de maior e o órrivel crime resume-se em pouco. O nosso amigo, em questão, trauteava, distrahidamente, o Hymno da Carta e, o Comandante do 20 que gostou d'esse hymno, desde 19 de Janeiro a 13 de Fevereiro de 1919, —mas que agora não o pode vêr nem tragar— disse, não poder consentir que tal hymno fosse cantado junto d'elle. N'isto se resume o caso. Se fosse a 19 de Janeiro não deixava trautear a Portugueza nem o «Leva Avante»; — está bem, são... modos de vêr.

Que tristeza

A dissidencia num rasgo de generosidade resolveu ordenar a todos os seus amigos que tenham mais que um emprego, que os abandonem para assim darem uma ajuda ao depauperado tesouro nacional. E' uma boa acção. Nós é que lastimamos tal resolução. O que será do ensino! O que será de tudo! Pobre E. P. S. o que será de ti! Sem o «lá ma mère» e outros... Que desgraça! E os rapazes ficam sem saber a diferença que ha entre a adaga e o capacete.

Senhores da dissidencia, esperem um pouco mais. Resolvam primeiro essas questões, e saiam depois. Mas não se arrependam. A acção que vam praticar é nobre. Que rasgo de altruismo! Estatuas, muitas estatuas em todas as ruas, em todas as praças, para a dissidencia. De barro mesmo, elas servem. Que generosidade! Que altruismo!

Eles o dizem

O senhor Cunha Leal disse alno Porto, que «os republicanos que occupavam logares para que não tinham competencia, eram criminosos».

Ora o paiz tem notado que o

que menos ha nos republicanos é a tal competencia.

Logo sam criminosos. E como nós o não queremos ser, é que combatemos a republica.

Agora sempre vai

A dissidencia acordou. Acabaram-se os jantares e com os estomagos vazios vai fazer qual-quer coisa. A cidade vai progredir. Já mandou começar com os bairros sociais. O largo de S. Tiago já não tem aqueles montões de pedras. Aquellas casas da Oliveira, que denotam um grande incendio, é coisa que se não vê! A dissidencia vai perpetuar a sua passagem pela camara. A dissidencia é a fina flor do democratismo da terra. E' a gente dos empregos e das senhas do açucar. E' a gente da questão das Taipas. E' a gente da intelligencia, do caracter, de tudo. A dissidencia!... Oh! quem a não conhece! Nós no dia da Monarquia, havemos de lhe fazer uma partida. Damos-lhe empregos, e a dissidencia fica realista! Ham de ver.

Uma Carta

Do nosso presado amigo e dedicado correligionario snr. Tomaz Rocha dos Santos recebemos a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade.

Meu caro Padre Caldas:

Um amigo mostrou-me umas insinuações evidentemente feitas a mim na «Alvorada» que não posso deixar em julgado visto tratar-se de afirmações que não são verdadeiras. Se não fosse o respeito que devo á verdade não me preocupava com o que diz a «Alvorada» pois que ha muito me habituei a não lêr esses papeis que não sabem fazer jornalismo, senão usando de processos que eu por feito e por educação sempre despresei. Desde ha mais de 15 anos comecei a escrayinhar em jornaes até aos meus 29 anos em que quebrei a penna, somente discuti com pessoas de dignidade e nunca desci a chafurdar na lama, mas como estes factos que o citado periodico alude foram presenciados por um limitado numero de assistentes, devo esclarecer que o tal militar graduado, que tam sentido se mostrou com as afirmações que fiz e que são do dominio publico, não me atingu nem com os pés nem com as mãos. Mas... como não vale a pena gastar cêra com tam ruins defuntos, será esta a primeira e a ultima vez que rocorro ao seu jornal para tratar de assuntos desta natureza.

Consinta-me, contudo, meu caro Padre Caldas, que por intermedio do seu brilhante jornal, diga ainda que não receio o marmeiro em especial quando mostrado por tais marmelos. O homem prevenido vale por dois...

Creia-a, meu estimadissimo amigo, na admiração de quem passou muitos anos numa luta acêsa pelo ideal que hoje defende e continua admirando a sua coragem e o seu vigor.

Abraça-o com muita estima e agradece-lhe a inserção desta carta o seu

am.^o certo e grato

Guimarães—29—5—920.

Tomás Santos.

Fatinhos de malha para creança, o melhor sortido

na CASA MARTINS.

Bochevismo nacional

ou o

Progresso da democracia

A embrulhar qualquer coisa veio parar-me ás mãos um jornalco de ejaculação mensal, intitulado «Luz ao Povo».

Claro que o li de fio a pavio, porque nada do que lá vem escripto se deve perder.

Rompe por uma catilnaria contra o prestigioso chefe do governo coronel Baptista — Baptistinha em gíria familiar, a quem chama, entre outras coisas, imbecil.

Claro está que não vou entrar em polemica com os luminares da «Luz ao Povo» a proposito da capacidade intelectual de tão conspicuo estadista: isso é lá com elle e com a gente da grei. Nem mesmo sei a que venha o apodo, se essa qualidade é uma das principaes determinantes da escolha de tão altos funcionarios nos tempos que vão correndo; o meu reparo, é apenas sobre o motivo por que o fundista acha que o Baptistinha é um imbecil.

O leitor não adivinha, nem que matute toda a sua vida, mas eu vou poupar-lhe esse trabalho: o Baptistinha é um imbecil por querer que prevaleça, á má cara, a sua concepção de ordem sobre a ordem anarchista, que elles escrevem erudictamente com quê.

Ora pois é assim mesmo!

O conspicuo fundista da «Luz ao Povo» não perdoa ao coronel, a quem chama, não sei com que fundamento, tarimbeiro, que elle mandasse invadir a sua séde, apreender a «Batalha» e suprimir a «Bandeira Vermelha» (naturalmente por lhe faltar a metade verde), e encerrar syndicatos operarios, fuzilar trabalhadores, e atirar para os ergastulos o escol dos militantes operarios.

No entanto não consta que estas candidas creaturas se affiljam demasiadamente com as mesmas desgraças acontecidas aos monarchicos para os livrar de Baptistas passados, presentes e futuros, antes acham, naturalmente uma coisa muito acertada, visto como elles pretendiam estabelecer o Estado em outras bases, e o Estado ser, na opinião dos anarchistas, inimigo declarado dos trabalhadores.

Aqui cabe um pequeno parenthesis para observar que estes amigos, por um lado pugnam por augmentar as horas de descanço e diminuir as de trabalho até que umas absorvam inteiramente as outras, e teimam sempre, apezar d'isso, em se attribuir a qualidade de trabalhadores por excellencia.

Mas adiante, continuemos a analyse da papperleta e das causas da objurgatoria contra o sympathico Baptistinha.

Clamam elles, os trabalhadores por excellencia, pela penna do fundista da «Luz ao Povo», que a propriedade privada é um principio monstruoso que unicamente aproveita a meia duzia d'individuos com a exuberancia de um luxo asiatico.

A dar-lhes credito temos de admitir duas coisas — que o proprietario é um animal raro, e que é synonymo de rico.

Quanto á raridade, deixo isso ao criterio do leitor que, por muito pouco que possua, sempre possuirá, á falta de uma casa, a roupa que veste, a thesoura com que apara as unhas, ou a penna com que escreve á familia e, á parte a casa, que, se a possuir, de direito pertence ao inquilino, o resto, nem por o levar consigo quando se muda, deixa de ser propriedade sua, privada.

E quanto aos engulhos que a humanidade ha de sentir com o luxo asiatico de uns fundilhos que qualquer proprietario de umas

geiras de terra, ou á falta d'ellas, das proprias calças em que os fundilhos se ostentam arrogantes e provocadores, eu nem sei, de nojo, como o conte, como dizia o Poeta.

O luxo asiatico dos proprietarios! Ora os pandegos!

Dizem elles que a lei tende a conservar pela violencia das armas os privilegios das classes dominantes e por isso enxovalham sem escrupulos a honra e a dignidade dos rebellados de toda a tyrania.

Mas quaes privilegios? quaes são as classes dominantes? E o que vem a ser a honra e a dignidade anarchista?

Classe dominante não ha senão uma: a dos politicos de profissão, e essa está aberta a todos os aventureiros sem exceptuar, ou até antes, ao presente, preferindo, os anarchistas; e atiram-se então ao Baptistinha por que elle quer ordem, mas uma ordem á sua moda, que não está d'accordo com a ordem anarchista, como se este substantivo por mais que o puxem á observancia do genero, numero e caso, podesse d'algum modo concordar com tal adjectivo.

Escama-se todo, o fundista, quando vê certas figuronas de provocadoras toilettes, lado a lado das anemicas escravas das fabricas.

Mas que diabo! então a fraternidade e a egualdade são palavras vãs? ou isso entende-se só para collocar um homem de sciencia no mesmo plano de um burro ou um homem civilisado no de um tosco labrego?

Demais, se as taes escravas das fabricas se não acham bem lado a lado das taes figuronas, quem as impede de se mudarem?

Uma coisa no entanto consola estes santos varões e essa é que a ordem libertaria já começa vagamente a realisar-se lá para o Oriente, e não tarda que tudo caia por terra, inclusivé as prisões.

Mas se até as prisões vão abaixo, onde é que elles engaiolarão os burguezes no dia glorioso do seu proximo triumpho?

Construem outras? Mas quem, se os pedreiros, carpinteiros e trolhas deixam de trabalhar?

Dar-se-ha o caso...? mas não, não, não pode ser: ia eu a dizer — dar-se-ha o caso de os prendem definitivamente em prisões, cinco palmos abaixo da terra, d'onde nunca mais ninguem se liberta, mas isso está em desacordo com a catilnaria contra o Baptistinha por ter chegado um calor a alguns distinctos anarchistas que queriam montar a cavallo n'elle, e ainda contra o governo de Hespanha por fazer o mesmo a uns patriotas catalães.

Nada; em chegando o dia glorioso do triumpho dos Lenines da Parvonía, transforma-se tudo num paraizo: os antigos estadistas da Monarchia passam a pedreiros, carpinteiros e trolhas, com o antigo jornal e o antigo horario de trabalho, para ser tudo á antiga.

Os proprietarios e capitalistas passarão a fabricar e engraxar as botas dos snrs. anarchistas que passarão, como é bem de vêr, a governantes e dirigentes do Estado.

E' certo que elles chamam alphanabeto ao Baptistinha, se bem que as suas luzes não vão muito mais longe; mas que diabo, se o Pina Lepes é Ministro da Fazenda, porque não ha de ser qualquer sapateiro ministro dos Estrangeiros ou da Instrução?

E para isso, dizem-n'o elles em ar de desafio ao baptistinha, estão dispostos a deixar-se matar ás centenas e aos milhares.

E' certo que os que morrem ficam a vêr navios, mas que tem isso se os espertalhões que os dirigem detraz do biombo cá ficam para gosar?

Fazem elles um apelo sentido ao jornaleiro dos campos, carpindo a sua triste sorte por andar

todo o dia curvado para a terra a trabalhar para os outros.

Boa ideia! Esclareçam-n'o, abram-lhe os olhos do entendimento e depois... depois não de ir os snrs. anarchistas puxar ao arado e á nora se quizerem comer pão.

Não qu'elle! O labrego é tanto, mas não tanto que vendo o operario sem trabalho ganhar tanto como d'antes ganhava um director d'um banco ou um ministro d'Estado, não atire com a ferramenta ás ortigas e não vá tambem para o pagode.

Vão lhe lá pregar como aos operarios de Construção Civil de Lisboa, que regeitaram um augmento de salario que pediam aos mestres com a condição, posta por estes, de augmentarem por sua vez o custo das obras.

Os canalhas, o que tinham em vista era arruinaarem os mestres, apezar de estes sahirem da sua classe!

E o articulista da «Luz ao Povo» acha que isto tem um alto significado, de um grande valor moral, porque é um testemunho esmagador da força do ideal nas reivindicações operarias!

Depois mette-lhe, não sei a que proposito, um bocado de latim: sursum corda! e acrescenta — nem tudo é lama!

Não, com certeza, e na lavoura tal adubo não dá batatas nem pão: precisa de outro mais substancial, com que taes ideias e taes apostolos mereciam ser adubados.

Este numero do jornaleco anarchista sugere outras considerações, que para não abusar da benevolencia do leitor, ficarei para o proximo numero. Por hoje, e para finalizar, apenas direi que se a theoria é depravada, outro tanto se não pode dizer da sua construcção grammatical, que poderia servir de norma a muito jornalista encartado e... improvisado.

Quem escreveu aquelles e outros dispautes, que em outra occasião offereceramos á consideração do leitor, poderá ser um bandido da peor espécie — e é com certeza, se não fôr um louco —; mas o que não pode ser é um operario de mãos calejadas na ferramenta de officio honesto.

E' certo que em Coimbra — e de Coimbra o mostrego — se falla com uma elegancia e correcção differentes do que se usa em todo o resto do Paiz; mas uma coisa é falar e outra escrever.

Que conclusão devemos tirar? Que o operario não quer trabalhar em proveito de quem lhe dá a vida a ganhar, mas trabalha de boa vontade para quem lhe deita a vida a perder.

Acha que o burguez explora com o seu suor, mas não vê que o aventureiro explora com o seu sangue!

Quem lhe ha de abrir os olhos? O tombo no fundo do abysmo para onde nos puxa e onde elle cahirá primeiro do que nós!

A. C. C.

«O Commercio de Guimarães»

No dia 15 do corrente passou o anniversario natalicio do nosso presado collega, «O Commercio de Guimarães», decano dos jornaes vimezanenses.

Uma falta involuntaria, que estamos por certo o collega desculpará, fez com que nos não referissemos ha mais tempo ao seu 36.º anniversario.

Impellidos pela sincera amizade e leal camaradagem que nos ligam áquelle bi-semanario, vimos hoje reparar essa falta, enviando-lhe as nossas felicitações e fazendo ardentes votos para que prosiga, como até hoje, combatendo com denodo e com fé á sombra da linda bandeira azul e branca pela causa sagrada da Monarchia.

Autopsia a uma obra e a um Sarcastro

Immortal:

Ao ler no penultimo numero da «Alvorada» aquellas tuas duzias de linhas verdadeiramente encantadoras, eu disse logo para comigo: aqui está um homem, um talento de raça!

E não me enganei. Eu não sei de quem possa escrever melhor: não encontrei ainda, — e já agora não encontrarei jamais — em toda a litteratura mundial, um escriptor mais completo, com mais poderes descriptivos e analyticos...

Desde o pedido de inspiração ás Piscinas, ás nymphas do poetico rio da Pisca (muito bem metida!) ao licor de Aganipe (seu guloso!); desde a geographia da alma da diva, ás parecências que a mesma tem com uma Villa em Flor; desde a côrte que lhe faz o D. Affonso Henriques, aos raios escuros, de celeberrima memoria; desde os desejos que tens em seres pão de borôa para ser triturado, ao nascimento dos cabellos nas faces, o que é uma excepcional descoberta que te eleva a sabio; desde o trinado dos pés, ao gancho que lhe desejarias espetar; desde o prato portuguez com indigestões e tudo, ao defeito (só um...) e á andorinha dos versos que são de outro afinal... tudo, tudo alli é magestade, é grandeza, é maravilha.

Ao pé d'aquillo, Camillo é um principiante, Eça um nullo...

Perante aquillo, toda, absolutamente toda a litteratura portugueza é uma coisa ridicula, sem valor.

Aperta-me as mãos, Sarcastro! Deixa-me dar-te um osculo prolongado que nada tenha de parecido com o de Judas, de negrada memoria! Consente que eu deponha na tua cabeça olympica e gloriosa, a coroa da immortalidade!

E's o principe, o rei, ou como se diz agora o chefe dos homens da prosa...

Faz versos, Sarcastro, para seres tambem o chefe dos homens da poesia...

Uma joven nas ondas do perfil! Só o titulo recommenda a obra! E eu tenho pena, immensa magua, de que esse teu naco de litteratura não chegue a entrar as portas austeras da douta Academia! Sim, porque alli está um academico! O Sarcastro deve ser academico por força!

Pode lá admittir-se que o genio que traçou aquellas duzias de palavras fique assim esquecido para aqui, na pacatez d'uma terra da provincia! Não, Sarcastro! Não deves contentar-te em seres só academico! Tu, Sarcastro, tens direito a um monumento! Mais: a Patria agradecida reclama um novo Camões para te cantar, Sarcastro!

Mas não inches, Sarcastro! Não te alambazes! Eu tenho estado a caçar contigo!

Eu conheço o teu caso: tu pertences ao numero d'aquellas creaturas que vieram ao mundo para divertir a gente...

Como nem tudo podiam ser tristezas, Deus compadecido dos mortaes e querendo que elles tambem rissem, creou os Sarcastros pelo mundo alem...

Podia ter-lhes dado a forma de aves, de reptis, de peixes... Mas não: Deus, na sua infinita bondade, deu-lhes a forma de homens. A unica differença estava em que a estes a Providencia collocara miolo dentro da caixa craneana, ao passo que áquelles... Deus concedera o vacuo, ou lhes puzera uma pobre pedra bruta...

Sim, Sarcastro, porque aquillo,

aquelle perfil, não é portuguez, não é chinez, não é nada: aquillo é simplesmente uma charada, um embroglio, uma miscellanea inacreditavel, uma torrente caudalosa de asneiras, de muitas asneiras... para não dizer o producto de uma espantosa embriaguez...

Vou deixar-te em paz e ás moscas... Eu tenho infinita piedade de ti... Adeus.

X.

A imprensa e a crise actual

Dia a dia vae-se accentuando cada vez mais a crise porque actualmente está passando a imprensa.

Alguns jornaes suspendem já a sua publicação e outros veem-se na absoluta necessidade de augmentar aos preços de assignatura.

O papel de impressão que ainda ha bem pouco tempo custava a modica quantia de 14\$60 a resma, passou a custar agora 20\$00, com tendencias a nova subida e muito breve.

Não menor foi o augmento que soffreu tambem o serviço de composição e impressão.

Em taes circumstancias as emprezas jornalisticas vimezanenses resolveram, para fazer face ás suas avultadas despesas, estabelecer a seguinte tabella de preços para os anuncios á linha:

1.ª publicação—linha . \$10
Repetição . \$06

Atendendo á enorme difficuldade com que estão viveendo as casas de beneficencia, conservar-se-ha para estas o antigo preço nos seus anuquios.



Por Guimarães

Orpheon do Porto

Deve vir a esta cidade no proximo mez de Junho o Orpheon do Porto, realizando por essa occasião um espectáculo no Theatro D. Affonso Henriques.

Senhora da Lapinha

Realizou-se no dia 23 do corrente, na freguesia de S. Lourenço de Calvos, deste concelho, a costumada festividade de Nossa Senhora da Lapinha.

Estando prohibida pelo Prelado, a vinda da antiquissima ronda a esta cidade, como em annos passados, ficou resolvido que aquella imagem fosse á formosa estancia da Penha, no dia 27 do proximo mez de Junho.

Casamentos

Na passada segunda-feira realizou-se o enlace matrimonial do nosso estimado amigo e benquisto negociante desta praça, Sr. Joaquim Martins, com a Ex.ª Sr.ª D. Laura das Neves Saraiva, dilecta filha do nosso presado amigo, Sr. Acúrcio das Neves Saraiva.

Aos recém-casados, que pelos seus dotes d'alma e coração, bem dignos são dum brilhante futuro,

enviamos as nossas sinceras felicitações.

Consoncion-se tambem ha dias, na Igreja Paroquial de S. Pedro de Azurey, o nosso Amigo Sr. Antonio Eduardo d'Abreu Matta, com a Ex.ª Sr.ª Armira Augusta do Carmo Dias, sobrinha da Ex.ª Sr.ª D. Rosa do Carmo Dias.

Ao ditoso par, os nossos parabens e votos mais sinceros pelas suas felicidades.

Fallecimento

Falleceu ultimamente nesta cidade o Sr. José Pinto da Rocha, considerado negociante de objectos antigos.

Pelas primorosas qualidades do extinto, foi a sua morte bastante sentida.

Os seus funeraes realizaram-se na passada quarta-feira, na capella da V. O. T. de S. Francisco.

A familia em lucto, enviamos sentidas condolencias.

ARREMATACÃO

(1.ª Publicação)

No dia 20 de Junho proximo, ás 12 horas, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, d'esta cidade, é posta em praça para ser arrematada por quem mais oferecer acima da avaliação, uma morada de casas de um andar, com lojas, salas, quartos e quintal com suas ramadas de ferro e arame e bomba de ferro, tudo situado na rua de S. Damaso, freguesia de S. Sebastião, d'esta cidade, com os n.ºs 6, 8, 10 e 12 de policia, avaliada em 2.500\$00. Procedese a esta arrematação em virtude da execução por selos e custas que o magistrado do Ministerio Publico nesta comarca move contra a Irmandade do Cordão e Chagas de S. Francisco, erecta na igreja de S. Damaso, d'esta cidade.

Ficam pelo presente citados quaesquer creadores incertos da executada.

Guimarães, 28 de Maio de 1920.

Verifiquei.

Sousa Telles.

O escrivão do 1.º officio,
Armando Costa Nogueira.

AUTOMOVEIS

"Chevrolet,"

Modelo F B 1920

Vende

Ernesto de Vasconcelos

Rua Candido Reis, 133 — PORTO

AUTOMOVEIS

"Stutz,"

Modelo 1920

Vende

Ernesto de Vasconcelos

Rua Candido Reis, 133 — PORTO

ANUNCIO

(1.ª Publicação)

Contracto de sociedade que entre si fazem João de Sousa Neves, José Gonçalves Barroso, Joaquim Lopes de Sousa Neves, Francisco da Costa Jorge e Alberto Gomes Pereira de Sousa, este da cidade de Lisboa e aqueles desta cidade: em 23 de Abril de 1920.

No ano de mil novecentos e vinte, aos vinte e trez dias do mez de Abril, em Guimarães e meu cartório na rua de Francisco Agra, perante mim o notário da comarca bacharel Antonio José da Silva Basto Junior e as testemunhas idoneas adiante nomeadas e no fim assinadas, compareceram: como primeiro outorgante de Sousa Neves, casado, industrial, morador na rua de Gil Vicente; como segundo outorgante José Gonçalves Barroso, casado, negociante e proprietário, residente na praça de D. Afonso Henriques; como terceiro outorgante Joaquim Lopes de Sousa Neves, casado, industrial, morador na rua de Paio Galvão; como quarto outorgante Francisco da Costa Jorge, casado, industrial, morador na dita rua de Gil Vicente, todos quatro desta cidade; e como quinto outorgante Artur de Sousa Mascarenhas, casado, oficial do exercito, residente no logar da Costa, da freguesia de Gonça, desta comarca: todos pessoas cuja identidade reconheço. O quinto outorgante figura na qualidade de procurador de Alberto Gomes Pereira de Sousa, casado, negociante, morador na praça Duque de Saldanha, da cidade de Lisboa, por virtude da competente procuração particular com poderes especiais para esta escritura, devidamente reconhecida em data de catorze do

corrente pelo notario Alfredo May de Oliveira, da dita cidade de Lisboa, a qual me foi apresentada e fica arquivada no meu cartorio, para os devidos efeitos. E por eles foi dito: Que, pela presente escritura, os quatro primeiros outorgantes e o constituinte do quinto outorgante, constituem entre si uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas constantes dos artigos seguintes:

1.º — Esta sociedade adopta a firma e razão social «Neves & Companhia, Limitada».

2.º — Terá a sua sede nesta cidade de Guimarães, e o seu domicilio, escritorio e fabrica, na rua de Paio Galvão, numero noventa e noventa e oito, e na rua de Gil Vicente, numero cinquenta e um a cinquenta e sete, desta mesma cidade.

3.º — O seu objecto será a exploração do commercio e fabrico de moveis, serração de madeiras, compra e venda de madeiras e moveis e seus congneres, em que os socios acordarem.

4.º — A sua duração será por tempo indeterminado, devendo contar-se o inicio, para todos os efeitos legais e sociais, desde o primeiro de Novembro de mil novecentos e dezenove.

5.º — O capital social será inicialmente e em dinheiro da quantia total de cinquenta mil escudos, dividido e representado em cinco quotas de dez mil escudos cada uma, subscritas pelos cinco socios em partes iguais.

6.º — Por conta de cada uma das respectivas suas quotas já cada um dos cinco socios entrou na caixa social com a percentagem de cinquenta por cento, ou seja com a quantia de cinco mil escudos, e ficam todos por igual obrigados a liberar as suas quotas á medida que para exploração commercial o seja preciso, sempre que pela gerencia sejam feitas as cha-

mas respectivas, em partes iguais, entre todos os socios.

7.º — Ficam desde já nomeados gerentes da sociedade os dois socios João de Sousa Neves e José Gonçalves Barroso, aos quais fica consignado o direito do uso da firma social aqui estabelecida; mas, em caso algum, a poderão usar, em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer actos ou documentos extranhos a esta sociedade, pois em caso contrario, responderão para com ela por perdas e damnos.

§ único — Os nomeados gerentes, a quem fica dispensada a caução, firmarão sempre conjuntamente todos os actos, contractos e documentos sociais; pois que a assinatura singular de um só deles não obrigará a sociedade, como tambem só ambos representarão a sociedade em juizo e fora dele, activa e passivamente.

8.º — No impedimento de qualquer dos nomeados gerentes, a assembleia geral nomeará, entre os restantes socios, aquele que o deve substituir, definitiva ou provisoriamente, conforme o caso exigir.

§ único — Os gerentes, quando assim o entenderem, poderão alegar, por procuração, as suas atribuições em qualquer dos socios.

9.º — A escrituração, que andarà sempre em dia e bem arrumada, será feita sob a vigilancia e responsabilidade da gerencia, por um guardalivros extranho á sociedade e por esta nomeado, fornecendo-se, mensalmente, aos socios que o pedirem, um balance de do giro e estado commercial da sociedade.

10.º — Não se admitirão prestações suplementares; mas sempre que forem necessarios mais fundos para a boa exploração social, poderá qualquer dos socios fazer á caixa social os suprimentos precisos, ficando as respectivas importancias a vencer o ju-

ro anual de seis por cento.

11.º — Anualmente se se darà um balanço a todos os fundos e encargos sociais, o qual deverá ficar encerrado e por todos os socios assinado, em trinta e um de Dezembro, tornando-se desde então o mesmo balanço irrecclamavel.

12.º — Dos lucros liquidados apurados em cada balanço, retirar-se-ha, em primeiro logar a percentagem de dez por cento para fundo de reserva enquanto este não se achar completo e sempre que fôr preciso reintegrá-lo, e os restantes noventa por cento serão divididos pelos cinco socios em partes iguais, como tambem iguais são as suas quotas sociais.

13.º — Havendo perdas apuradas em qualquer balanço serão elas suportadas por igual entre todos os cinco socios.

14.º — A cessão de quotas a extranhos fica dependente do consentimento da sociedade, a qual poderá, querendo, amortizar qualquer quota que se pretenda alienar, pagando-a pelo valor do desembolso acrescido da correspondente parte no fundo de reserva e dos ganhos relativos ao tempo decorrido desde o ultimo balanço, calculados pelo balanço do ano anterior em igual praso e numero de dias.

15.º — Não querendo a sociedade adquirir a quota que pretenda alienar-se, caberá o direito de preferencia aos socios individualmente; e querendo-a mais do que um, este direito pertencerá ao que a sorte designar.

16.º — No caso do falecimento de qualquer dos socios, os seus herdeiros exercerão em comum os direitos do falecido, enquanto a quota esteja pró indivisa.

17.º — Esta sociedade não poderá dissolver-se, nem por vontade, nem por falecimento, nem por interdição de qualquer de seus socios, mas tão somente nos casos previstos na lei de onze de

Abril de mil novecentos e um.

18.º — Fica desde já a nomeada gerencia autorizada a adquirir, por trespasse, para a sociedade agora aqui constituída, todo o activo, com o encargo do correlativo passivo, da sociedade commercial em nome colectivo que nesta cidade gira sob a firma commercial «Neves & Companhia», pelo valor do balanço pela mesma firma dado aos seus haveres e encargos, em data de trinta e um de Outubro de mil novecentos e dezenove.

19.º — Em todo o omisso regularão as disposições da citada lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação applicavel.

Que, assim, tem feito e concluido o seu pacto social que mutua e reciprocamente prometem cumprir e respeitar pelas suas pessoas e bens.

Assim o outorgaram e reciprocamente aceitaram, do que dou fé. O selo devido, na importancia de setenta e seis escudos e cinquenta centavos, será no fim pago por estampilhas fiscaes. Foram testemunhas presentes Fernando Augusto Machado, solteiro, maior, escrevente, da rua da Arcela e Francisco Ferreira, viuvó, proprietario, desta rua, os quais esta escritura assinam com os outorgantes e comigo notario, depois de ser por mim lida em voz alta na presença de todos.

João de Sousa Neves, José Gonçalves Barroso, Joaquim Lopes de Sousa Neves, Francisco da Costa Jorge, Artur de Sousa Mascarenhas, Fernando Augusto Machado, Francisco Ferreira. O notario, Antonio José da Silva Basto Junior. — Tem coladas e por mim, notario, devidamente inutilizadas, as seguintes estampilhas: umas fiscaes, no valor de setenta e seis escudos e cinquenta centavos, outras da contribuição industrial, no valor de seis escudos e noventa centavos e ainda outra fiscal da taxa de trez centavos, relativa ao recibo do emolumento.

O notario,

Antonio José da Silva Basto Junior.